

O papel de líder farmacêutico do Brasil, na América Latina

Pelo jornalista Alofsio Brandão,
editor desta revista,



Dr. Ton Hoek, Secretário Executivo da FIP

■ O FARMACÊUTICO HOLANDÊS TON HOEK, SECRETÁRIO EXECUTIVO DA FEDERAÇÃO FARMACÊUTICA INTERNACIONAL E DIRETOR EXECUTIVO DA FUNDAÇÃO FIP PARA O ENSINO E A PESQUISA, VEIO AO BRASIL, EM JANEIRO, PARA RECEBER A COMENDA DO MÉRITO FARMACÊUTICO CONCEDIDA PELO CFF.

O Brasil deve ter uma posição de liderança farmacêutica, na América Latina, para levar desenvolvimentos técnico, científico e social aos países que não possuem o seu nível de desenvolvimento, nem o seu nível organização no setor. A declaração é do Secretário Executivo da Federação Farmacêutica Internacional (FIP) e Diretor Executivo da Fundação FIP para o Ensino e a Pesquisa, o holandês Ton Hoek. Ele disse à revista PHARMACIA BRASILEIRA que a Federação acompanha atentamente a “revolução” que vem acontecendo no setor farmacêutico, no Brasil, nos últimos dez anos.

Hoek elogiou as gestões do CFF, com vistas à substituição do modelo de farmácias comunitárias por outro que resgate o sentido de saúde dos estabelecimentos e que mantenha à frente os serviços farmacêuticos. “O medicamento precisa ser visto pela sociedade e pelas autoridades, não como um bem de consumo, mas como um produto de saúde que pode ser muito perigoso, se não for utilizado, de forma correta, seguindo

a orientação farmacêutica. O que faz a diferença é exatamente a orientação do farmacêutico, no momento da dispensação do medicamento. Inclusive, para promover o seu uso racional”, apela Ton Hoek.

Explicou que a FIP é favorável à formação generalista implantada no ensino farmacêutico brasileiro. Ressalvou que não se pode falar nisso como uma tendência universal, embora já seja uma prática, na Europa, a exemplo da Holanda, seu País de origem. “Lá, o acadêmico de Farmácia forma-se com uma base generalis-

ta e, depois, busca uma especialização”, disse o dirigente da entidade máxima da profissão farmacêutica, no mundo. E acrescentou: “Essa base generalista, comum, é fundamental inclusive para que se estabeleça uma comunicação entre colegas farmacêuticos de diferentes áreas e especializações”.

A PHARMACIA BRASILEIRA entrevistou o Dr. Ton Hoek, em Brasília. A entrevista contou com a tradução simultânea do farmacêutico português Gonçalo Sousa Pinto, Relações Institucionais da FIP para a América Latina. **veja a entrevista.**

PHARMACIA BRASILEIRA – Dr. Ton Hoek, que avaliação o senhor faz das mudanças pelas quais a profissão farmacêutica vem passando, nos últimos dez anos? Entre as mudanças, o que mais chama a sua atenção?

Dr. Ton Hoek – Nós acompanhamos todas essas mudanças, essas revoluções ocorridas, nos dez últimos anos, no Brasil. O País é um exemplo a ser seguido, porque, com toda a sua grande dimensão territorial, consegue implantar mudanças, em tempo recorde, a exemplo de sua política de genéricos. Outros países ainda estão em processo de implantação.

Na área de ensino farmacêutico, o Brasil tem tido respostas muito animadoras nas mudanças que empreendeu. Gostaria de salientar que a FIP desenvolveu um trabalho com a OMS (Organização Mundial da Saúde) e a Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), com o objetivo de analisar as necessidades das sociedades e dar respostas às mesmas no que diz respeito aos serviços farmacêuticos. Todo o material produzido está sendo disponibilizado aos órgãos afiliados da FIP.

PHARMACIA BRASILEIRA – Que planos a FIP tem para o Brasil e países latino-americanos?

Dr. Ton Hoek – A FIP, com a sua grande estrutura, não tem um plano específico para o Brasil, mas desenvolve políticas em todas as formas possíveis na área de assistência farmacêutica para disponibilizá-las aos países da América Latina. Quanto ao Brasil, a FIP está aberta para atender às suas solicitações.

Na América Latina, há países que não possuem o nível de desenvolvimento do Brasil, nem a sua organização farmacêutica. Diante disso, o papel do Brasil é de liderança. O Brasil deve ser uma locomotiva farmacêutica, no Continente, para levar desenvolvimentos técnico, científico e social à região.

PHARMACIA BRASILEIRA – O Presidente do Conselho Federal de Farmácia, Dr. Jaldo de Souza Santos, vem pedindo insistentemente às autoridades a substituição do modelo de farmácias comunitárias, que ele diz ser “arcaico e pernicioso”, por estar focado no interesse econômico, por um que resgate o sentido de saúde dos estabelecimentos. O que representa um modelo nesses termos?

Dr. Ton Hoek – A FIP apóia a luta do CFF, porque considera a farmácia um estabelecimento de saúde e não um comércio; e o farmacêutico, um profissional de saúde e não um negociante. O empenho do CFF, no sentido de pregar junto às autoridades o sentido de saúde contido nas ações do farmacêutico e de deixar claro que ele não é um negociante, é algo louvável. O

“O Conselho Federal de Farmácia luta para fazer com que o farmacêutico tenha o espaço assegurado para prestar os seus serviços de saúde à sociedade, e isso é muito positivo”

(FARMACÊUTICO TON KOEK, SECRETÁRIO EXECUTIVO DA FIP E DIRETOR EXECUTIVO DA FUNDAÇÃO FIP PARA O ENSINO E A PESQUISA).

Conselho Federal de Farmácia luta para fazer com que o farmacêutico tenha o espaço assegurado para prestar os seus serviços de saúde à sociedade, e isso é muito positivo. Por isso, a FIP apóia esta sua luta.

Para a FIP, a remuneração dos farmacêuticos deve ser feita, não tendo por base o lucro obtido pelos estabelecimentos, mas os serviços de saúde que eles prestam. Assim, se desloca o foco do produto para o serviço. É importante que o medicamento não seja visto pela sociedade e pelas autoridades como um bem de consumo, mas como um produto de saúde que pode ser muito perigoso, se não for utilizado, de forma correta, seguindo a dispensação.

Por isto, o que faz a diferença é exatamente a orientação do farmacêutico, no momento da dispensação do medicamento. In-

“A formação farmacêutica com base generalista, comum, é fundamental inclusive para que se estabeleça uma comunicação entre colegas farmacêuticos de diferentes áreas e especializações”

(FARMACÊUTICO TON KOEK, SECRETÁRIO EXECUTIVO DA FIP E DIRETOR EXECUTIVO DA FUNDAÇÃO FIP PARA O ENSINO E A PESQUISA).

clusive, para promover o seu uso racional.

PHARMACIA BRASILEIRA – Em 2002, o Ministério da Educação instituiu mudanças no ensino farmacêutico brasileiro, entre as quais a formação generalista. Que opinião a FIP tem sobre esse modelo de ensino?

Ton Hoek – A FIP é favorável à formação generalista. Não se pode

falar nisso como uma tendência universal, mas já é uma prática, na Europa. E eu cito como exemplo a Holanda, que é o meu País. Lá, o acadêmico de Farmácia forma-se com uma base generalista e, depois, busca uma especialização. Essa base generalista, comum, é fundamental inclusive para que se estabeleça uma comunicação entre colegas farmacêuticos de diferentes áreas e especializações.

Programa de pós-graduação com a excelência do Hospital Moinhos de Vento



Pós-graduação lato sensu em Farmácia

Áreas de ênfase: • Hospitalar
• Oncologia

- Aulas às sextas-feiras e aos sábados em semanas alternadas
- Atividades práticas em ambiente real.
- Pós-Graduação reconhecida pelo MEC.
- Os alunos com melhor desempenho acadêmico serão convidados pelo Hospital Moinhos de Vento a participar de seus processos seletivos.



Demais áreas da saúde com cursos de pós-graduação:

Enfermagem
Fisioterapia
Gestão
Interdisciplinar
Medicina
Nutrição
Psicologia

Turmas 2009 - Inscrições abertas - Fone: (51) 3314.3690 - iep@hmv.org.br - www.moinhos.net